



JOSÉ DE ANCHIETA “O SANTO DO BRASIL”

Paulo Barros CAMARGO

No dizer do Mestre Afonso de Taunay Anchieta foi o mais notável dos fundadores de São Paulo”. Pergunta-se então, porque o mais notável? Será que São Paulo teve mais de um fundador? Está aqui um ponto da história Paulista muito controvertido; os documentos não são categóricos e muitas vezes controvertidos; os historiadores encontramos em posições antagônicas e se digladiam de forma peremptória e nem sempre com muita razão, entretanto passionais e sentimentais.

Isto não acontece apenas com relação a São Paulo de Piratininga pois em quase todas as povoações coloniais do Brasil encontram as dificuldades e confusões em determinar com segurança a época da fundação e de apontar os seus fundadores. Isto – se dá inclusive com a fundação de São Vicente a célula mater da nacionalidade.

Foi Martin Afonso de Souza o fundador? Há quem diga que talvez. Com relação a São Paulo teria sido, Martin Afonso de Souza ou João Ramalho, os jesuítas Nóbrega, Anchieta, Leonardo Nunes ou Manoel de Paiva, ou ainda os Cacique Tibiriçá – ou Caiubi?

Qual o único fundador? Então retomamos as afirmações do mestre Taunay. Anchieta foi o mais notável.

No dizer do historiador Ernani da Silva Bruno “Ninguém tem o direito de expulsar do ato amplexo da fundação da cidade de Piratininga nenhum desses personagens. Eles atuaram como símbolos ou expressões de profundos fatores econômicos, políticos e religiosos, que se entrelaçaram e se fundiram em determinado momento histórico, dando em

resultado o povoamento do planalto da Capitania de São Vicente e da formação do seu primeiro núcleo urbano estável.

Entretanto não podemos em sã consciência deixar de reconhecer a figura de Anchieta a de maior expressão no episódio da fundação de São Paulo. Senão vejamos sabe-se que um grupo de jesuítas fundaram São Paulo, mas o qual deles o principal, o verdadeiro fundador? Se considerarmos que a fundação de São Paulo não poderia – ter sido obra de um só, todos os já mencionados ajudaram a sua fundação, mas Anchieta foi e é o principal fundador. Porque? Diz o historiador e poeta Cassiano Ricardo; Pelos atos que ele praticou inicialmente e depois, uma vez que São Paulo não seria fruto de “um só ato e de um só dia.

No dia 25 de Janeiro de 1554 o Padre Jesuíta Manoel de Paiva, disse na 1ª – Missa no planalto de Piratininga, considerado por muitos o ato da fundação de São Paulo.

Mas na mesma data o Irmão José de Anchieta fundou o Colégio, e fundado o Colégio, este iniciou a formação da Vila num meio selvagem e inóspito à boca do sertão, no topo a Serra do Mar, sem condições nenhuma para prosperar, e foi Anchieta quem forjou essas condições.

Ainda é Cassiano Ricardo quem diz: São Paulo foi fundado por um ato inicial simples, quase simbólico e por uma longa série de atos sucessivos e penosos. E eu – então digo heróicos.

Estes atos sucessivos e penosos só uma personalidade forte, destemida polimorfa como Anchieta poderia ter praticado. Anchieta sentiu a força telúrica do ambiente e aproveitou os padrões culturais indígenas de comportamento, estudou tupi – para poder entrar no mundo primitivo pois só assim poderia garantir a obra da fundação, tendo sido o indígena a sua primeira preocupação. É admirável pensar que essa proesa formidável de um pequeno espanhol das Canárias, mal saído das aulas humanísticas de Coimbra, ainda quase adolescente enfermício e tímido, fosse chegar a figura gigante e polimorfa do pobre e humilde José, cujas virtudes heróicas marca a história Paulista como posição central na galeria dos seus maiores pois foi êle o

O Primeiro Mestre Escola
 O Primeiro Tupinólogo do Brasil
 O Primeiro Poeta
 O Primeiro Soldado
 O Primeiro Diplomata
 O Primeiro Cronista
 O Primeiro Jornalista,
 O Primeiro Dramaturgo e fundador do Teatro Brasileiro,

podendo mesmo ser o patrono de todas as profissões, sapateiro, barbeiro, pedreiro, farmacêutico, enfermeiro, construtor, engenheiro, enfim ele exerceu todos os misteres da vida, com primasia, com dedicação, com competência, com amor, com total-renúncia, não tendo outro objetivo senão a sua fé no Criador em benefício do próximo, num meio totalmente incerto e selvagem, não tendo outro escopo a não ser para a Glória de Deus. Estudando a vida desse inaciano nos leva as vezes a um pendor panegirico, entretanto nunca será exagero assim proceder, face a sua incomensurável personalidade.

Menunciando a vida fabulosa de Anchieta é de todo impossível num curto espaço desta fala, mas nos cabe destacar alguns lances dessa vida maravilhosa.

O PRIMEIRO MESTRE

Com a fundação do Colégio à 25 de Janeiro deu início Anchieta a sua obra – evangelizadora e educativa pois é ele mesmo quem diz: “Eu ensino os meninos a ler, escrever e cantar”.

Capristano de Abreu presta o seu valioso depoimento: “No dia 25 de janeiro de 1554 dia da conversão do Apóstolo, do gentio, lançaram-se dos fundamentos da atual cidade de São Paulo em Piratininga. Anchieta esteve presente.

Fez-se professor dos corumins, dos irmãos e dos sacerdotes. Para suprir a falta de livros, perdia parte da noite a copiá-los e sua atividade

intelectual – era incansável. É portanto evidente a primasia de Anchieta no ensino da Cartilha – em São Paulo. Além do mais Anchieta já tinha sido mestre do ABC no Colégio da Bahia quando de sua chegada ao Brasil, e assim continuando quando da sua estada – na Vila de São Vicente. Um ano depois da fundação do Colégio em São Paulo em 1555 escrevia Anchieta em suas cartas quadri-mestre: “estamos nesta aldeia de Piratininga onde uma grande escola de meninos, filhos de índios, ensinados já a ler e escrever. Seus pais são muito domináveis, posto que já não matam nem comem os contrários”.

Como se nota, em um ano Anchieta conseguira um grande milagre, o Colégio já era “**uma grande escola**” e os índios já não comiam seus inimigos. Basicamente era uma escola de ler, escrever e de religião. Mas Anchieta também ensinou irmãos e até padres, pois se revelara desde logo em Coimbra, excepcional humanista. Latim, – Portugues, Castelhana e Tupi. eram as catedras que ele regia nos dias da Implantação do Colégio. Jônatas Serrano diz que Anchieta foi o “precursor da Escola nova na floresta ínvia entre a indiada antropófaga”. Anchieta era vocacionalmente um mestre, um professor inato, um estudioso permanente. Poeta e dramaturgo, usando a poesia e o teatro como forma de transmissão de ensinamentos, ia o irmão José incutindo nos selvagens ensinamentos morais, religiosos, plantando as verdadeiras raízes da nacionalidade. É inacreditável o poder de improvisação desse inaciano, ora nas próprias tabas, ora em pleno campo a céu aberto, os métodos de aprendizagem – nela empregados eram os mais diversos: não havia papel, não havia tinta, não havia lápis, não havia livros, não havia quadro negro. Faltava de tudo.

Só não faltava aquele espírito indómito de caridade continuada que animava José de Anchieta, no sentido de catequisar e evangelizar os selvagens e o colono. Ele mesmo diz em um dos seus “autos”:

*“Alegrai-vos
Filhos meus por mim
Aqui estou para vos proteger
Vim do Céu*

*Para Junto de vós
A ajudar-vos sempre”.*

ANCHIETA O MÉDICO

Em sua pequena história da Medicina Brasileira o nosso historiador Licurgo Santos Filho diz: “A assistência médica foi uma das poderosas armas empregadas pelos padres jesuítas na catequese do selvagem brasileiro.

Foi ela quem deu à Companhia de Jesus um de seus maiores títulos de glória, proporcionando o socorro médico, não somente ao indígena como aos colonizadores e escravos.

Nesses duros anos de catequese, o inaciano medicou, lancetou, sangrou e até patejou.

Nos primeiros anos de colonização quase todos os padres e irmãos jesuítas praticaram a Assistência Médica.

Diz o historiador Lopes Rodrigues em seu livro “Anchieta e a Medicina, que: “Anchieta foi médico, cirurgião, parteiro, higienista, legista, terapeuta, genicólogo logo, psiquiatra, nosologista, naturalista e observador, enfermeiro, padioleiro, – coveiro, não houve ramo de medicina que não atraísse a divina intuição do Padre / Anchieta”. Mais adiante ainda diz: “Mezinhou, operou, sangrou, partejou, pensou, exumou; curou feridas bravas, cancros, mordeduras, envenenamentos, assistiu à velhos e infantes, moribundos e alucinados; curou feridas de guerra, flechados, massa-crados; combateu pestes, infecções, febres, epidemias, suicídios, sugestionou, – persuadiu, aliviou aflitos e moribundos, inhomou os mortos, finalmente descreveu doenças e doentes. E ainda diz “é por isso que lhe damos o título de:

“Galeno Jesuítico do Brasil”

É o próprio Anchieta quem diz em uma de suas célebres cartas: “No tempo em que estive em Piratininga, servi de Médico e barbeiro, curando e sangrando”.

ANCHIETA O POETA

Encontramos no Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira da Editora Cultrix, no verbete; Anchieta, pag. 31 o seguinte:

Desde logo ao lado da Catequese, Anchieta dedicou-se ao estudo da língua nativa, compondo nela orações cristãs, o catecismo e os interrogatórios para as confissões, esboços dramáticos, cantigas – profanas e sacras, chegando estabelecer, baseado na língua latina, – as normas gramáticas do idioma, gentio em sua obra – Arte de Gramática da língua mais usada na costa do Brasil. (Coimbra 1595). A poesia tanto aquela expressa em português e espanhol (cuja experiência se inspira na tradição poética da Península em metro redondilho) como a que escreveu em latim ou tupi, surge marcada por acentos fortes de melancolia e desencanto quando não por uma unção religiosa que – não chega a ser mística num prolongamento da velha tradição europeia do culto poético mariano. Duma poesia lírica que lembra os melhores momentos da poesia de Gil Vicente, são as suas trovas escritas para Santa Inês, em Pentassílabos.

De certo temos em Anchieta, um autêntico polígrafo, escrevendo em vários idiomas e sobre a matéria a mais diversa: didática, epistografia, poética, parenética, teatral e histórica.

Para a maioria dos críticos literários, Anchieta foi o criador da poesia brasileira, e ponto de partida esplêndido de uma literatura que despontava para os seus grandes momentos. É Cassiano Ricardo quem diz: “Mas o meu Anchieta é o poeta, hoje ainda de vanguarda, pois são até os vanguardistas de 1965 que o citam como precursor”.

A Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo publicou um alentado volume de 833 páginas com as poesias de José de Anchieta, em Português, Castelhanos, Latim e Tupi em manuscrito do século XVI, que é o maior repositório da obra de Anchieta, por onde se vê a sua grande produção literária: “O Poema à Virgem Santíssima é talvez de todas as obras de Anchieta a mais conhecida e a mais celebrada. Diz o escritor Julio Garcia Morejón “O Poema à Virgem escrito na areia de Iperoige, é uma das suas obras-primas, extraordinário esforço de mais de cinco mil versos e uma

das maiores alturas a que chega a poesia mariana em latim a época em que produziu”.

O Poeta Menotti del Picchia assim canta:

*Anchieta,
Tramaturgo e poeta,
Teu fulgor enche a noite da colonização.
Como um astro a luzir através do sertão.
Ergueste à Virgem Pura um poema lunar.
Nas areias do mar, junto às ondas do mar,
Da praia vicentina em cujo céu de anil
Teu vulto cresce, imenso, a irradiar glória e graça.
Santo da minha raça,
Nosso Senhor do Brasil.*

ANCHIETA O SANTO

Depois de ter levado vida santificada e mortificada, morre ele a 9 de junho de 1597 em Reritiba: imediatamente o Padre Pero Rodrigues, Provincial do Brasil encarregou o Padre Quirino Caxa, professor de Teologia dogmática e moral, de escrever uma biografia do Tramaturgo do Brasil, o que foi feito em 1598. Quirino Caxa foi portanto o primeiro biógrafo de Anchieta, e nela lemos: “Se é verdade que todas – as virtudes andam juntas como boas irmãs, certo é que o Padre José as teve todas em muita perfeição”.

Em seguida enumerou todas elas e mais ainda um rol extenso dos milagres com pormenores e provas dos dons sobrenaturais de Anchieta.

Uma aureola de Santidade desde logo lhe circundou a fronte: o Taumaturgo além de apóstolo praticava atos que só um santo poderia fazer.

Por sua vida imaculada, seu constante martírio, ainda em terra selvagem e inóspita, José de Anchieta bem mereceu a honra dos Altares.

Foi um eleito um bem aventurado. O processo de sua canonização ainda – não está concluído. Apenas foi beatificado, e seu culto pode se dar no Brasil onde exerceu o seu apostolado. Na Companhia de Jesus da qual – era membro e em sua terra natal nas Canárias.

É pois o Padre José o nosso Santo, o Santo do Brasil, o se primeiro taumaturgo, o modelo dos heróis evangélicos que o Brasil produziu no período Colonial.